

# RELAÇÕES DIALÓGICAS NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA DO VESTIBULAR UNICAMP

Lucas Vinício de Carvalho Maciel (Unicamp)  
lucasvcmaciel@yahoo.com.br

## Introdução

As relações dialógicas são um fenômeno constitutivo de toda linguagem, na medida em que qualquer fala ou texto sempre retoma necessariamente vozes anteriores e se volta a respostas futuras (BAKHTIN, 1929/1963, [1952-1953]; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929). Seguindo essa concepção de linguagem defendida pelos pensadores do Círculo de Bakhtin, analisa-se no presente artigo uma redação do vestibular Unicamp, a fim de discutir como as relações dialógicas podem se apresentar nesse exemplo de enunciado real.

O exame proposto apoia-se nas reflexões desenvolvidas no curso da pesquisa de doutoramento *Dialogismo em narrativas* (Processo CNPq 141428/2011-2), em que se tem destacado especialmente quatro aspectos relevantes para a observação das relações dialógicas: (1) a orientação do discurso para o objeto e para a palavra (do outro ou própria); (2) o *locus* das interações dialógicas: na autoenunciação do herói, no discurso do narrador, no diálogo entre personagens; (3) a amplitude do diálogo: microdiálogo, diálogo composicionalmente expresso, grande diálogo; (4) os tipos de discurso (direto e indireto em suas inúmeras variações) através dos quais se textualizam as relações dialógicas.

Cada um desses aspectos será focalizado na análise a seguir, buscando-se explicitar a importância do contexto enunciativo e das relações dialógicas na configuração do enunciado.

## 1. *Corpus* de pesquisa: narrações do vestibular Unicamp

Desde 1999, a Comissão Permanente para o Vestibular Unicamp (Comvest) tem publicado coletâneas com redações escolhidas como as melhores redações de seu vestibular. Nas coletâneas de 2000 a 2010, figuram textos das três propostas entre as quais os candidatos podiam escolher para escrever suas redações: dissertação, narração e carta argumentativa.

Na pesquisa em tela, somente as narrações são consideradas. O quadro sintetiza o número de redações narrativas publicadas a cada coletânea:

Ano do vestibular a que se refere à coletânea	Número de redações do gênero “narração” publicadas
2000	9
2001	10
2002	10
2003	10
2004	11
2005	11

2006	10
2007	10
2008	10
2009	10
2010	10
<b>TOTAL</b>	<b>111</b>

Uma nota se faz necessária acerca do *corpus* de pesquisa constituído dessas 111 narrações. Ao longo deste artigo, refere-se às redações através das expressões “narração”, “gênero narração”, “redação narrativa” e “gênero discursivo”, sendo pertinente esclarecer a razão do uso dessas denominações. Ao nomeá-las como “narração”, reporta-se à proposta da Comvest que emprega o termo “narração”.

Porém, em consonância com estudiosos como Marcuschi (2002), acredita-se que o termo “narração” é mais adequado para designar um “tipo de texto”, uma sequência linguística que pode estar presente em vários gêneros discursivos, não sendo específica ou exclusiva de um único gênero. O tipo textual “narração” aparece em vários gêneros: em uma carta pessoal, em um relatório, em uma biografia, etc. Alcinhar a redação como “narração” também não seria totalmente apropriado, ao se notar que esse texto pode apresentar, além de sequências narrativas, outras sequências, descritivas e expositivas, por exemplo.

De todo modo, parece impróprio ignorar que a Comvest chancela esses textos sob a rubrica de “narração”. Nomeá-los apenas como “narração”, todavia, poderia dar a ideia de que não se distingue seu tipo textual predominante – o narrativo – do gênero – que comporta outros tipos de texto. Diante desse cenário, opta-se, por vezes, em falar “gênero ‘narração’”, procurando conciliar o termo “narração”, utilizado pela Comvest, com a concepção de “gênero discursivo” (cf. BAKHTIN, [1952-1953]) adotada. Entende-se que as redações são representantes de um gênero discursivo, pois são enunciados reais, materializados em condições sociais e discursivas definidas, daí nomeá-las “gênero” ou “gênero discursivo”. Porém também se respeita a denominação proposta pela Comvest, pois é habitual se empregar termos mais genéricos como “narração” e “narrativa”, para designar textos com predomínio de sequências narrativas. É ainda nesse sentido de sua sequência textual mais característica que, em certas ocasiões, emprega-se a expressão “redação narrativa”.

Das redações que compõe o *corpus* uma foi selecionada para a discussão a ser apresentada neste artigo.

## 2. O contexto do vestibular Unicamp

A redação a ser analisada foi redigida durante a realização da primeira fase do vestibular Unicamp 2000. Essa redação, portanto, nasce na conjuntura de um processo avaliativo – pois a esse texto seria atribuída uma nota – e seletivo – pois, a depender de sua nota, o candidato poderia prosseguir para a segunda fase do certame.

É relevante, desse modo, considerar a seguinte observação de Bakhtin/Volochínov (1929, p.117, grifos do autor):

“A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação”.

Por isso, ao analisar essa redação é importante entendê-la em seu contexto de enunciação. Daí o interesse em descrever, mesmo que sucintamente, aspectos das condições de enunciação às quais o candidato está submetido.

A prova da primeira fase do vestibular Unicamp 2000 era composta uma proposta de redação e por 12 questões dissertativas, que versavam sobre os conteúdos comuns do ensino médio: língua portuguesa, matemática, história, geografia, física, química e biologia. Para realização dessa prova, o vestibulando dispunha de quatro horas: período de tempo em que deveria responder às 12 questões e escrever sua redação. Ressalta-se ainda que nesse vestibular “pesava” sobre o candidato, além da questão do tempo, o fato de que a redação valia 50% da nota da primeira fase.

Além disso, é fundamental saber que o vestibulando não escreve “livremente” sua redação, mas que deve seguir as indicações dadas pela prova. Reproduz-se a seguir essas orientações para o Tema B (narração)<sup>1</sup>:

### TEMA B

No dia 5 de outubro de 1999, terça-feira, o jornal Correio Popular, de Campinas, SP, publicou a seguinte manchete de primeira página, acompanhada de breve texto:

#### *100 mil ficam sem água em Sumaré*

Um crime ambiental provocou a suspensão do abastecimento de água de cerca de 100 mil moradores de Sumaré. A medida foi tomada na sexta-feira, quando uma mancha de óleo de aproximadamente 3 quilômetros de extensão surgiu nas águas do rio Atibaia. Anteontem, uma nova mancha apareceu nas proximidades da Estação de Tratamento de Água I, na divisa entre o bairro Nova Veneza e o município de Paulínia. A situação somente será normalizada na quinta-feira. A Cetesb investiga o caso e os técnicos acreditam que o produto (óleo diesel ou gasolina) foi despejado em esgoto doméstico em Paulínia.

Leve em conta essa notícia e privilegie a hipótese dos técnicos, apresentada no final do texto. A partir desses elementos, escreva uma narração em terceira pessoa, caracterizando adequadamente personagens e ambiente. Crie um detetive ou um repórter investigativo que, quando tenta resolver o “crime ambiental”, descobre que o ocorrido é parte de uma conspiração maior.

Para conceber sua redação, é obrigatório ao vestibulando atender a esse direcionamento, pois poderá ter seu texto anulado se ignorar as instruções ou a reportagem reproduzida na proposta. Considerar esse contexto de produção no qual emerge a redação é essencial para esclarecer alguns de seus aspectos.

### **3. Análise da narrativa: as relações dialógicas em um exemplo de enunciado real**

A partir da proposta anteriormente transcrita, um dos candidatos escreve o seguinte texto (COMVEST, 2000, p. 132-137):

<sup>1</sup> O tema A é “dissertação” e o tema C é “carta argumentativa”.

Sexta-feira, 1 de outubro de 1999

A mancha tomava conta do rio pouco a pouco. O rapaz observando tudo, afrouxou a gravata, deu um último trago no cigarro e, embora nesse momento já estivesse sozinho, falou alto – talvez para ver se assim se convenceria – que estava apenas cumprindo ordens. Fora dura a jornada até ali. Pessoas como ele não têm opção: se lutam contra o sistema se marginalizam. Ele não seria mais um. O avô havia sido um idealista, o pai, um conformista, e o que conseguiram? Respalado pela impotência de sua imagem: terno e gravata impecáveis e um quê de altivez no olhar, procurava se convencer de que a Moral existe para subjugar os fracos: a pobreza é nobre; a humildade, dignificante; sofre-se na Terra para ganhar-se o reino dos céus; vive-se em condições sub-humanas para se chegar até Deus. Fracos. Após gerações, ele era o primeiro a ter coragem de dizer não e enxergar a própria realidade, sem pseudo-moralismos. Ele não seria um fraco. Procurava não dar muita vazão ao sentimento que teimava em invadir-lhe a mente quando pensava no pai. “Fracol!”, dessa vez quase gritou. Agora cumpria ordens; amanhã mandaria, era só uma questão de tempo.

Sábado, 2 de outubro de 1999

Na redação, o calor era tórrido. O “foca”, ainda desacostumado à rotina acelerada de uma redação de jornal, já pensava no próximo feriado. Os colegas achavam graça, “será que você escolheu a profissão certa?”, perguntavam. Um jornalista não tem fim de semana, nem feriado, mas não era isso o que mais incomodava o foca. A essa altura, tinha realmente dúvidas se havia escolhido a profissão certa, mas menos devido à suposta superatividade que por ver frustrada a imagem que, em seus sonhos juvenis, fazia da profissão: cobriria uma guerra no Golfo Pérsico ou nas balcãs; anunciaria, em primeira mão, notícia envolvendo um ministro ou chefe de Estado; vaticinaria, com autoridade, sobre um possível naufrágio econômico no país. Sua mente trabalhava em ritmo mais acelerado que sua rotina suportava. Talvez se desse bem como ficcionista. Enquanto isso, ia alimentando uma ou duas histórias na cabeça. Quando o editor pediu que ele fosse conferir a “tal mancha” no rio, ele foi com a mesma solicitude indiferente de sempre...

Domingo, 03 de outubro de 1999

No dia anterior havia feito inúmeras entrevistas: engenheiros, técnicos, autoridades... Havia a possibilidade de a poluição ter sido intencional, mas tal hipótese, geralmente sussurrada ou dita de modo sorrateiro, parecia causar incômodo. Apenas o “foca” se interessou pela teoria. “Intencional? Mais de cem pessoas estão sem água, que, misturada a óleo, compõe um conjunto extremamente tóxico. Mas que espécie de intenção é essa?” O bip chamava: deveria ir a Paulínia, pois havia uma nova mancha por lá.

Segunda-feira, 04 de outubro de 1999

Mal o editor deixara a sala, vieram os colegas felicitá-lo pela reportagem: a matéria seria manchete de primeira página. Indiferente à repercussão, o “foca” sentia uma sensação ruim, uma espécie de mau presságio. Lembrara da conversa com os técnicos da Cetesb, da dúvida em colocar ou não a hipótese criminosa na reportagem. Os técnicos falavam com certa reserva, mas bastante convicção. Temiam represálias, mas sabiam o que estavam dizendo. Ao perceberem o interesse do jornalista, todos emudeceram, unânimes. Ao sair, recebeu sinal para subir. Falando com o engenheiro-chefe, entendeu que nunca se deve dizer tudo o que se sabe. É sensato saber calar. O jornal sairia na manhã seguinte e ele, arrasado, sentia-se vencido. O telefone tocou.

Terça-feira, 05 de outubro de 1999

O “foca” chegava ao lugar marcado com quinze minutos de antecedência. Pelo telefone, a pessoa apenas informou a hora e o local em que deveriam se encontrar. Não se identificou e não disse como estaria. Aparentemente um boteco, como qualquer outro; adentrou o local, relutante entre a curiosidade e a cautela. Sabia que ter insinuado a hipótese criminosa em sua matéria havia irritado imensamente as autoridades locais, que temiam que a população imaginasse que pudesse estar havendo perda de controle. Quem mais ele teria irritado? Ao sentar-se à mesa recebeu um bilhete que o mandava subir. Obedeceu, cauteloso. No andar superior, conversou com uma pessoa que, por sua vez, conduziu-o a outra sala. Estava começando a assustar-se. A sala estava escura, e ele não podia ver quem lá estava. Apenas ouvia uma voz que o advertia a não fazer perguntas. A voz o informou de que um grupo, politicamente oposto ao governo vigente, tentava sabotá-lo poluindo criminosamente o rio, o que, além de indispor a simpatia da população contra as autoridades, traria um grande prejuízo econômico à cidade. Falou mais, e o jornalista ouvia, eufórico, entendendo a dimensão do que ouvia. Ao sair do prédio, uma bala atingiu-o pelas costas. Seu corpo, por ali mesmo, desapareceu.

Quarta-feira, 06 de outubro de 1999

O rapaz afrouxava a gravata. Apenas cumprira ordens. O “tal jornalista” bem que havia provocado. É assim. Hoje se obedece; amanhã se manda. Cada um em seu lugar.

No exame desta redação, serão observados quatro aspectos importantes na configuração das relações dialógicas: (i) a orientação do discurso para o objeto ou para a palavra (discursos referencial, objetificado ou bivocal), (ii) a unidade composicional do discurso ou o *locus* discursivo: autoenunciação do herói, discurso do narrador, diálogo entre as personagens, (iii) a amplitude do diálogo: microdiálogo, diálogo composicionalmente expresso, grande diálogo e (iv) os tipos de discurso empregados para textualização das relações dialógicas.

Quanto ao primeiro ponto, **a orientação do discurso**, observam-se nesta redação vários exemplos de discursos referenciais, de falas de personagens orientadas a determinados objetos. Um primeiro exemplo é a fala do “rapaz de gravata”, que tentando justificar seu atos pouco éticos, “falou alto – talvez para ver se assim se convenceria – que estava apenas cumprindo ordens”. O objeto de sua enunciação, que é um discurso de autojustificação, diz respeito às “ordens” que cumpria. Seguindo em suas reflexões, a personagem acusa o avô e o pai de terem sido, respectivamente, um idealista e um conformista, por isso os classifica como “fracos”. Nesse caso, o objeto do discurso são claramente seu pai e avô ao quais se refere pelo qualificativo “fracos”.

Outro exemplo, mas agora em discurso indireto, seria o seguinte discurso referencial:

A voz o informou de que um grupo, politicamente oposto ao governo vigente, tentava sabotá-lo poluindo criminosamente o rio, o que, além de indispor a simpatia da população contra as autoridades, traria um grande prejuízo econômico à cidade. Falou mais, e o jornalista ouvia, eufórico, entendendo a dimensão do que ouvia.

Nesse caso, há vários referentes, vários objetos discursivos, várias informações acerca da existência de um grupo político oposto ao “governo vigente”, a respeito das ações desse grupo e das consequências que pretendiam ter por meio dessas ações.

Esses discursos referenciais das personagens, contudo, são discursos objetificados se tomados a partir da perspectiva do narrador, pois essas vozes estão sob

o domínio do narrador, que abre ou não espaço para as vozes das personagens, além de construir o contexto enunciativo em que elas serão inseridas. Assim, as palavras das personagens sempre acabam recebendo certo reflexo do ambiente textual narrativo em que são veiculadas.

Por sua vez, também o discurso do narrador é objeto do autor, está sob o crivo deste. Bakhtin (1929/1963) considera que o discurso narrativo é bivocal de orientação única, pois há duas vozes, a do autor e a do narrador, sendo que esta última está orientada na mesma direção que o autor pretende.

Um outro modo de orientação da palavra pode ser visto no trecho a seguir:

A mancha tomava conta do rio pouco a pouco. O rapaz observando tudo, afrouxou a gravata, deu um último trago no cigarro e, embora nesse momento já estivesse sozinho, falou alto – talvez para ver se assim se convenceria – que estava apenas cumprindo ordens. Fora dura a jornada até ali. Pessoas como ele não têm opção: se lutam contra o sistema se marginalizam. Ele não seria mais um. O avô havia sido um idealista, o pai, um conformista, e o que conseguiram? Respalado pela impotência de sua imagem: terno e gravata impecáveis e um quê de altivez no olhar, procurava se convencer de que a Moral existe para subjugar os fracos: a pobreza é nobre; a humildade, dignificante; sofre-se na Terra para ganhar-se o reino dos céus; vive-se em condições sub-humanas para se chegar até Deus. Fracos. Após gerações, ele era o primeiro a ter coragem de dizer não e enxergar a própria realidade, sem pseudo-moralismos. Ele não seria um fraco. Procurava não dar muita vazão ao sentimento que teimava em invadir-lhe a mente quando pensava no pai. “Fraco!”, dessa vez quase gritou. Agora cumpria ordens; amanhã mandaria, era só uma questão de tempo.

O diálogo dessa personagem como vozes sociais é um exemplo de “polêmica aberta” (BAKHTIN, 1929/1963). Embora Bakhtin não liste explicitamente a polêmica aberta entre os discursos bivocais de tipo ativo, é plausível fazer essa suposição tendo em vista que para Bakhtin (1929/1963, p. 229), “qualquer discurso que visa ao discurso do outro” está entre os discursos bivocais de tipo ativo.

O discurso de autojustificação da personagem está voltado polemicamente ao discurso do outro, a um discurso que refuta. Opondo-se a esse discurso, ele seria “o primeiro a ter coragem de dizer não e enxergar a própria realidade, sem pseudo-moralismos”. O discurso ao qual se opõe é um discurso amplamente divulgado na sociedade em que a personagem vive, um discurso que, pretendendo conciliar o capitalismo e o cristianismo, procura reconfortar os que vivem na pobreza material com promessas de uma vida espiritual próspera. Essa voz social chega à personagem não apenas de maneira difusa, enquanto um discurso social disseminado, mas parece atingir à personagem especialmente através das familiares figuras do pai e do avô. Assim, ao polemizar com esse discurso social, a personagem polemiza também com vozes definidas, com as vozes de sujeitos que lhe são íntimos e próximos.

Outro ponto relevante no exame das relações dialógicas é **a unidade composicional do discurso**, quais sejam: (i) a autoenunciação do herói, (ii) o discurso do narrador e (iii) o diálogo entre as personagens. Essa divisão, porém, nem sempre é levada a cabo, pois, como se vê nesta redação, por vezes o discurso do narrador e da personagem podem se imiscuir. Também o diálogo entre personagens resulta da interação entre as autoenunciações dos heróis.

A primeira autoenunciação do herói na redação é justamente o longo trecho reproduzido anteriormente, desde “falou alto [...] que estava apenas cumprindo ordens” até “Agora cumpria ordens; amanhã mandaria, era só uma questão de tempo”. No início do fragmento, a personagem, que se encontra só, verbaliza em “voz alta” seus pensamentos. Trata-se claramente de uma enunciação que pertence à personagem, ou seja, é uma autoenunciação do herói.

Na sequência, porém, o narrador se aproxima tanto da personagem que não se consegue dividir com clareza se os pensamentos da personagem são relatados pela voz do narrador ou pela voz da personagem. Exemplar é o trecho “Fora dura a jornada até ali”. Seria esse um pensamento, uma voz, da personagem ou seria um pensamento/voz da personagem transmitido pela voz do narrador? Nesse caso, o mais importante não é a incerteza a respeito de quem é o responsável pela voz, mas justamente a possibilidade de que essa voz pertença ou à personagem ou ao narrador. Se pertencer à personagem essa voz tem um acento de autopiedade, se pertencer ao narrador outro será o acento. Se, por exemplo, o narrador concorda com a personagem, pode também recobrir esse enunciado com piedade – mas não com *autopiedade* –, se o narrador discorda da personagem, pode valor esse enunciado com desdém ou crítica, por exemplo.

Também no trecho a seguir, o discurso parece ter uma autoria indistinta ou dupla: “a pobreza é nobre; a humildade, dignificante; sofre-se na Terra para ganhar-se o reino dos céus; vive-se em condições sub-humanas para se chegar até Deus. Fracos”. Essas colocações podem pertencer ao herói ou ao narrador, ou ainda a ambos. Assim, a autoenunciação do herói aparece imiscuída ao discurso do narrador.

Na passagem a seguir, novamente o narrador focaliza a autoconsciência do herói, mas agora a personagem é outra: um repórter novato.

A essa altura, tinha realmente dúvidas se havia escolhido a profissão certa, mas menos devido à suposta superatividade que por ver frustrada a imagem que, em seus sonhos juvenis, fazia da profissão: cobriria uma guerra no Golfo Pérsico ou nas balcãs; anunciaria, em primeira mão, notícia envolvendo um ministro ou chefe de Estado; vaticinaria, com autoridade, sobre um possível naufrágio econômico no país. Sua mente trabalhava em ritmo mais acelerado que sua rotina suportava. Talvez se desse bem como ficcionista. Enquanto isso, ia alimentando uma ou duas histórias na cabeça.

Este fragmento sintaticamente seria um discurso do autor, que fala em 3ª pessoa da personagem (“seus sonhos juvenis”, por exemplo). Contudo semanticamente parece ser a reprodução do pensamento do repórter, sua autoenunciação interior. Mais uma vez, a aproximação do discurso do narrador ao discurso da personagem é tanta que é difícil atribuir o discurso exclusivamente ao narrador.

Já no trecho a seguir, as aspas mostram claramente que se trata da autoenunciação do herói:

“Intencional? Mais de cem pessoas estão sem água, que, misturada a óleo, compõe um conjunto extremamente tóxico. Mas que espécie de intenção é essa?”

Este é um discurso interior, um pensamento da personagem, uma voz que habita sua autoconsciência. Essa voz, contudo, embora interior, está orientada para o exterior, dialogando com as informações que o repórter recolheu. Aliás, se a personagem dialoga com outras personagens, nessa sua autoenunciação vê-se também o diálogo do candidato, do autor do texto, com a proposta do vestibular, que reproduzia a reportagem veiculada no *Correio Popular*. Há, portanto, relações dialógicas internas que ligam a autoenunciação da personagem com as vozes de outras personagens e

relações dialógicas externas, que ligam a redação à proposta e a notícia, enunciados externos.

Apesar da notória aproximação do narrador às personagens principais, o homem da gravata e o “foca”, ainda é possível encontrar exemplos de discurso do narrador que podem ser entendidos como “protocolares” (BAKHTIN, 1929/1963) na medida em que “apenas” fornecem indicações cênicas, de espaço e de tempo, necessárias para a condução da narrativa. Um claro exemplo seriam as indicações de data “Sexta-feira, 1 de outubro de 1999”, “Sábado, 2 de outubro de 1999”, etc., que, além de trazerem informações acerca do tempo, também permitem mudanças do espaço narrativo, já que, por exemplo, na primeira indicação de tempo – “Sexta-feira, 1 de outubro de 1999” – o espaço é o de algum lugar às margens do rio Atibaia, enquanto na próxima indicação de tempo – “Sábado, 2 de outubro de 1999” –, o espaço já é outro, o da redação de um jornal.

O fato do discurso do narrador ser protocolar nesses casos não contradiz a aproximação à autoenunciação dos heróis vistas em outras passagens da narrativa. Isso apenas explicita que o autor pode manejar o discurso do narrador de acordo com suas intenções.

No que se refere à terceira unidade composicional, a do diálogo entre as personagens, observa-se que apenas uma fala de personagens é reproduzida durante uma representação de diálogo:

“Os colegas achavam graça, ‘será que você escolheu a profissão certa?’, perguntavam”.

A frase “será que você escolheu a profissão certa?” é uma enunciação de alguma personagem, embora não especificada, até mesmo porque representa a coletividade dos amigos repórteres do foca.

Nas demais referências a diálogos entre as personagens, o narrador não passa a voz às personagens, sendo que o diálogo fica apenas subentendido pelo que transmite a voz narrativa. Seguem exemplos:

“No dia anterior havia feito inúmeras entrevistas: engenheiros, técnicos, autoridades...”

“Mal o editor deixara a sala, vieram os colegas felicitá-lo pela reportagem: a matéria seria manchete de primeira página”.

“No andar superior, conversou com uma pessoa que, por sua vez, conduziu-o a outra sala.”

Nessas e em outras ocorrências, os diálogos entre as personagens ficam subentendidos pelo narrador que informa a existência de conversas, embora não reproduza diretamente quaisquer vozes das personagens envolvidas nos diálogos. Isso provavelmente seja um modo de tornar o texto mais breve, já que representar por extenso os diálogos demandaria um tempo e um espaço composicional talvez mais bem empregados pelo autor (que é candidato) no cumprimento de outras exigências colocadas pela proposta de escrita.

Apesar dessas ocorrências de diálogo (subentendido) entre as personagens, o que mais se observa nesta redação é o discurso do autor centrado sobre a autoenunciação de duas personagens: a do repórter novato e a do capanga de gravata.

Um terceiro aspecto a ser considerado na apreciação das relações dialógicas é a **amplitude do diálogo**: microdiálogo, diálogo composicionalmente expresso e grande diálogo (BAKHTIN, 1929/1963).

Conforme já sublinhado, nesta redação o narrador dá destaque à autoconsciência de duas personagens, o jovem repórter e o homem que “apenas cumpre ordens”. Em razão deste destaque o microdiálogo, o diálogo na consciência de um



sujeito, desempenha importante papel na narrativa. Um primeiro exemplo seria o trecho, reproduzido anteriormente, quando o capataz fala sozinho, dizendo em voz alta que estava apenas cumprindo ordens. Se no início, fala em voz alta, logo seus enunciados serão a representação de seu diálogo interior, quando, a partir de “Fora dura a jornada até ali” e até “Ele não seria um fraco”, o narrador focaliza a autoconsciência da personagem. O microdiálogo da personagem é restrito ao interior de sua consciência, mas dialoga com vozes alheias, com certas crenças religiosas e culturais que pregam a resignação perante às dificuldades da vida.

Além do “homem de gravata”, também os microdiálogos do jovem repórter são destacados pelo narrador, ocupando grande espaço composicional da narrativa. Em trecho reproduzido anteriormente, quando o repórter divaga sobre seus sonhos profissionais, tem-se a representação de seu microdiálogo. Vale notar, porém, que embora sejam desejos íntimos, os devaneios da personagem são deflagrados por vozes exteriores, pelas acintosas provocações de seus colegas que questionam a escolha do jovem pela profissão de repórter.

Quanto aos diálogos composicionalmente expressos, há uma única ocorrência de uma voz em algo que poderia ser entendido como tal. Trata-se do trecho a seguir:

“Os colegas achavam graça, ‘será que você escolheu a profissão certa?’, perguntavam”.

A pergunta “será que você escolheu a profissão certa?” até poderia ser classificada com pertencendo a um diálogo composicionalmente expresso, mas nenhuma réplica é lançada. Assim, não se vê a representação de nem ao menos dois enunciados, pertencentes a diferentes sujeitos, o que poderia configurar um diálogo (mínimo) composicionalmente expresso.

Também as demais menções a diálogos entre as personagens na redação não se configuram como composicionalmente expressos, pois nenhuma voz das personagens é representada, sendo os diálogos apenas sugeridos pela voz do narrador que os relata.

Não é possível, além disso, falar em grande diálogo neste texto, justamente porque as limitações composicionais – e talvez as opções do autor – impedem a realização plena de tudo o que está envolvido na configuração daquilo que Bakhtin (1929/1963) denomina “grande diálogo do romance” em sua análise das obras de Dostoiévski.

Apenas para mencionar uma das características do grande diálogo do romance não presente nesta redação veja-se que as ideias, as concepções das personagens não são, em geral, discutidas por outras personagens. As ideias do homem de gravata acerca do que denomina “pseudo-moralismos”, por exemplo, não são discutidas por nenhuma outra personagem. Seu ponto de vista permanece, assim, uma crença não debatida. Não há espaço para que outras personagens possam, quiçá, defender esse moralismo.

Por fim, outro aspecto a ser considerado no exame proposto são **os tipos e variantes de discurso** utilizados para textualizar as relações dialógicas.

Dados os limites deste artigo, será analisado apenas o trecho a seguir, já mencionado anteriormente. Trata-se da representação do diálogo do homem de gravata consigo mesmo.

Fora dura a jornada até ali. Pessoas como ele não têm opção: se lutam contra o sistema se marginalizam. Ele não seria mais um. O avô havia sido um idealista, o pai, um conformista, e o que conseguiram? Respaldação pela impotência de sua imagem: terno e gravata impecáveis e um quê de altivez no olhar, procurava se convencer de que a Moral existe para subjugar os fracos: a pobreza é nobre; a humildade, dignificante; sofre-se na Terra para ganhar-se o reino dos céus; vive-se em condições sub-humanas para se chegar até Deus. Fracos. Após gerações, ele era o primeiro a ter coragem de

dizer não e enxergar a própria realidade, sem pseudo-moralismos. Ele não seria um fraco.

O trecho inicial “Fora dura a jornada até ali. Pessoas como ele não têm opção: se lutam contra o sistema se marginalizam. Ele não seria mais um. O avô havia sido um idealista, o pai, um conformista, e o que conseguiram?” é um caso de discurso indireto livre, pois, embora seja um discurso relatado em terceira pessoa – “pessoas como *ele*” –, é “imediatamente claro a qualquer um que, *de acordo com o sentido*, é o herói que fala” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929, p. 184, grifos do autor).

Se nesse fragmento o narrador está bastante aproximado à personagem, em seguida o narrador se distancia da personagem para tecer comentários acerca dela:

“Respalhado pela impotência de sua imagem: terno e gravata impecáveis e um quê de altivez no olhar, procurava se convencer de que ...”.

Ao final dessa sequência, já se observa um “discurso indireto analisador do conteúdo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929) em:

“[...] *se convencer de que* a Moral existe para subjugar os fracos: a pobreza é nobre; a humildade, dignificante; sofre-se na Terra para ganhar-se o reino dos céus; vive-se em condições sub-humanas para se chegar até Deus. Fracos.” (grifo nosso).

Embora não seja caracteristicamente *dicendi*, o verbo “convencer” e a presença da conjunção “que” parecem introduzir, através do discurso indireto analisador do conteúdo, aquilo que a personagem fala(ria).

Na sequência, o narrador ainda relativamente distanciado da personagem observa que:

“Após gerações, ele era o primeiro a ter coragem de dizer não e enxergar a própria realidade, sem pseudo-moralismos. Ele não seria um fraco.”

Nesse fragmento, há uma espécie de “discurso direto substituído” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929), pois o narrador fala pela personagem aquilo que ela poderia ou deveria dizer. O narrador transmite o que vai na autoconsciência da personagem, tendo a liberdade, inclusive, de lhe abreviar os temas, daí porque se aproxime ao que Bakhtin/Volochínov (1929) denominam de corrente impressionista do estilo pictórico. Essa corrente é “essencialmente utilizada para a transmissão do discurso interior, dos pensamentos e sentimentos da personagem” e “trata o discurso de outrem com bastante liberdade, abrevia-o, indicando frequentemente apenas os seus temas e suas dominantes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929, p. 171).

O narrador segue descrevendo os pensamentos da personagem:

“Procurava não dar muita vazão ao sentimento que teimava em invadir-lhe a mente quando pensava no pai. ‘Fraco!’, dessa vez quase gritou. Agora cumpria ordens; amanhã mandaria, era só uma questão de tempo.”

Nesse trecho, as aspas em “Fraco!” marcam a emergência de um discurso direto “exclusivamente” da personagem. Contudo, logo em seguida, reaproximam-se o discurso da personagem e o do narrador por meio do discurso indireto livre em: “Agora cumpria ordens; amanhã mandaria, era só uma questão de tempo”. Vê-se, portanto, um movimento de aproximação e distanciamento do narrador à personagem, com predomínio da aproximação, a tal ponto que as vozes do narrador e da personagem, por vezes, parecem fundidas como nos casos de discurso indireto livre.

Embora haja várias outras ocorrências interessantes para a análise dos tipos de discurso empregados para a representação das relações dialógicas, o fragmento examinado já dá uma ideia de como diferentes tipos de discurso podem ser utilizados para aproximar ou afastar narrador e personagens, mostrando como se dão as relações dialógicas entre esses partícipes da narrativa.

## Considerações finais

Ao examinar esse texto, foram observados quatro aspectos: (i) a orientação do discurso, (ii) a unidade composicional dos enunciados, (iii) a amplitude do diálogo e (iv) os tipos e variantes de discurso empregados para textualizar as relações dialógicas.

Em relação ao primeiro ponto, destacou-se que as palavras referenciais das personagens são, do ponto de vista do narrador, discursos objetificados. Apontou-se também que o próprio discurso do narrador é objetificado, pois está a serviço da voz do autor. Porque no discurso do narrador se integra também a voz do autor, este seria um discurso bivocal. A propósito, um discurso bivocal de orientação única, já que as vozes de autor e narrador estão orientadas para o mesmo fim, a voz do narrador está orientada para o fim ao qual indica o autor.

Um ponto interessante a se destacar nesta redação é a ocorrência da polêmica aberta, que o homem de gravata trava com discursos que classifica como “pseudo-moralistas”. Essa orientação polêmica do discurso faz dele um discurso bivocal de tipo ativo, quando a voz do outro “ativamente” modifica os rumos da enunciação do falante.

Em termos das unidades composicionais do discurso, observaram-se alguns discursos exclusivamente do narrador e certos diálogos entre as personagens, sendo esses diálogos não composicionalmente expressos, mas principalmente sugeridos por indicações do narrador. Contudo o que mais chama atenção na redação é o grande espaço composicional dedicado à autoenunciação interior de duas personagens: o jovem repórter e o capataz. Autoenunciações que não são “puras”, pois por vezes se conjugavam ao discurso do narrador, do que resulta grande dificuldade para discernir o que seria exclusivamente autoenunciação do herói e o que seria discurso do narrador.

Quanto às amplitudes do diálogo, observa-se uma grande ênfase na autoenunciação de alguns heróis, do que resulta a importância dos microdiálogos nesta redação. A propósito, observou-se também alguma integração entre os microdiálogos e os diálogos das personagens, uma vez que os microdiálogos são alimentados por vozes que as personagens ouvem (ou leem) na interação com outros sujeitos.

No que se refere aos tipos e variantes de discurso, é de se notar que o predomínio dos microdiálogos na autoconsciência das personagens explica ainda o extensivo uso do discurso indireto livre, através do qual o narrador pode se aproximar do discurso interior das personagens, podendo ou não se fundir com esse discurso. Através do discurso indireto livre, a autoenunciação das personagens e o discurso do narrador podem ser integrados, já que esse discurso serve a ambas as vozes.

Mais do que uma análise extensiva e completa de todas essas características, pretendeu-se através desse trabalho indicar que o termo “dialogismo” ou a expressão “relações dialógicas” englobam uma variedade de fenômenos, muitos dos quais desconsiderados, quando se assume por uma concepção redutora que o dialogismo é a “simples” interação entre textos ou vozes. As relações dialógicas realmente são a interação entre vozes através de e nos enunciados, mas é possível ir além dessa definição, examinado **os modos pelos quais as relações dialógicas podem ser textualizadas**. Procurou-se neste artigo dar um exemplo desse empreendimento.

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. (1929/1963). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. (2. tiragem). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

\_\_\_\_\_. [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M./ VOLOCHÍNOV, V. N. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. (2000). *Redações do Vestibular Unicamp 2000*. Pró-Reitoria de Graduação, Comissão Permanente para os vestibulares, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Campinas: Editora da Unicamp.

MARCUSCHI, L. A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.